

FICHA TÉCNICA

Título original: *Das Lavendelzimmer*

Autora: *Nina George*

Copyright © 2013 by Nina George

Copyright © 2013 by Droemer Knaur Verlag (edição alemã)

Edição portuguesa publicada por acordo com Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona
— www.uklitag.com e Keil & Keil Literatur-Agentur, Hamburg — www.keil-keil.com

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *João Bouza da Costa*

Revisão: *Rita Carvalho e Guerra/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinba/Editorial Presença*

Mapas © Computerkartographie Carrle

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2017

Depósito legal n.º 420 534/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

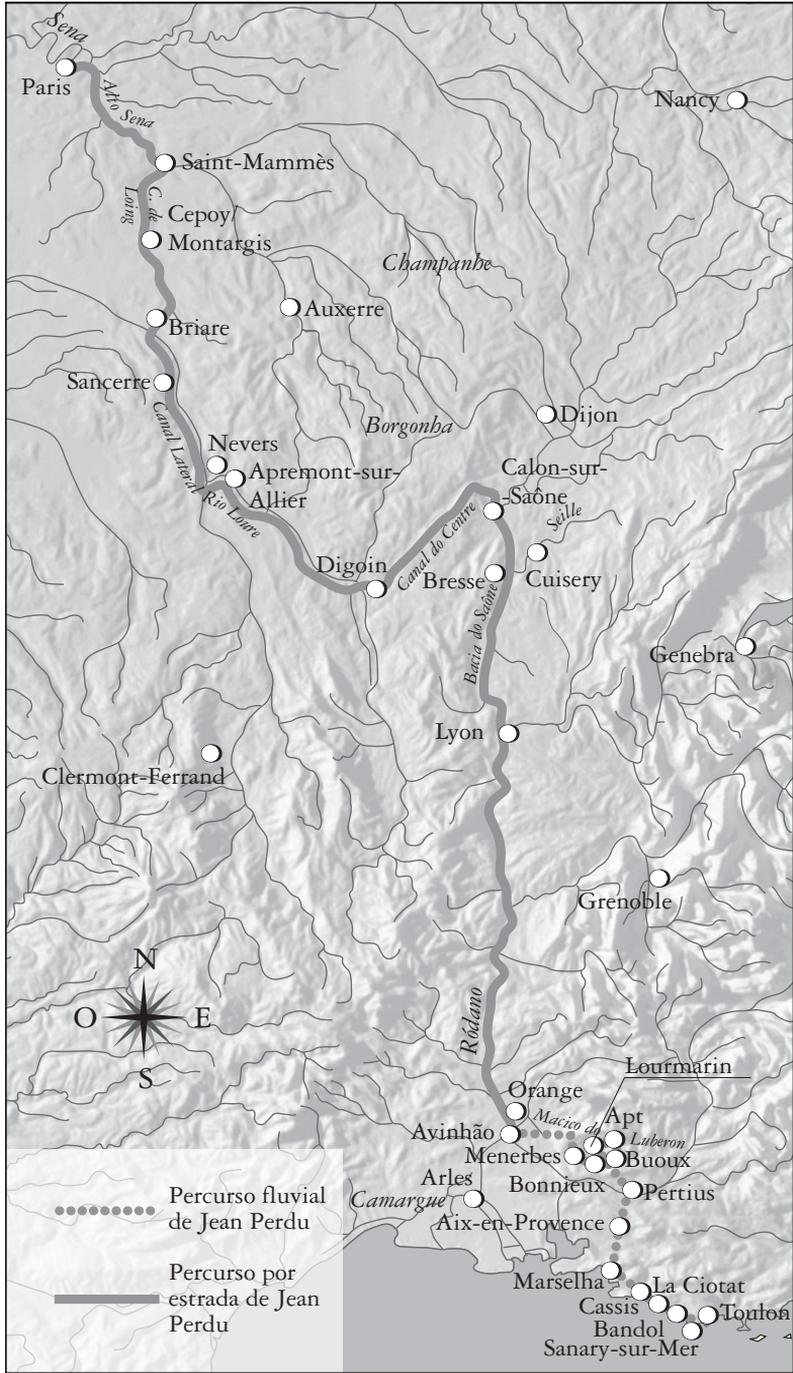
www.presenca.pt

*Dedico este livro ao meu pai,
Joachim Albert Wolfgang George, conhecido por Jo Grande.
20 de março de 1938 (Sawade/Eichwaldau) - 4 de abril
de 2011 (Hameln)*

*Pai, contigo desapareceu a única pessoa que leu tudo o que eu
escrevi, desde que aprendi a escrever. Sentirei a tua falta, sempre.
Vejo-te em cada pôr-do-sol e em cada onda dos mares.
Partiste a meio de uma palavra.*

NINA GEORGE, janeiro de 2013

*A todos aqueles que partiram.
E àqueles que continuam a amá-los.*



Como foi possível deixar-me convencer?

Unindo esforços, as duas generais do n.º 27 — *Madame* Bernard, a proprietária, e *Madame* Rosalette, a *concierge* — tinham cercado *Monsieur* Perdu, entre os seus dois apartamentos situados um em frente ao outro no rés do chão.

— Aquele Le P. não podia ter tratado a mulher com mais desprezo.

— Uma vergonha. Como uma traça num véu de noiva.

— Olhando para as mulheres de alguns, nem se lhes pode levar a mal. Máquinas de fazer gelo vestidas de *Chanel*. Mas os homens? São todos uns monstros.

— Minhas senhoras, de momento não estou a ver o que...

— Claro que *you* foge à regra, *Monsieur* Perdu. O senhor é a caxemira entre os tecidos masculinos.

— De qualquer maneira, vamos ter uma nova inquilina. No quarto andar, que é o seu, *Monsieur*.

— Mas a *Madame* ficou sem nada. Nada de nada, apenas ilusões destroçadas. Precisa de praticamente tudo.

— E é aí que o *Monsieur* entra em ação. Ofereça o que conseguir. Toda a oferta será bem-vinda.

— Naturalmente. Talvez pudesse oferecer-lhe um bom livro..

— Bem, nós estávamos a pensar numa coisa mais prática. Uma mesa por exemplo. Visto que a *Madame* não tem...

— ... não tem mesmo nada. Estou a perceber.

O livreiro não conseguia imaginar nada mais prático do que um livro. Mesmo assim, prometeu oferecer uma mesa à nova inquilina. Afinal ainda tinha uma.

Monsieur Perdu enfiou a gravata entre os dois botões de cima da camisa branca, energicamente passada a ferro, e dobrou cuidadosamente as mangas. Dobrou-as para dentro, dobra após dobra, até ao cotovelo. Fixou a estante com os livros no corredor. Por detrás das prateleiras encontrava-se um quarto que ele não abria há vinte e um anos.

Vinte e um anos e verões e manhãs de Ano Novo.

Mas era naquele quarto que a mesa estava.

Monsieur Perdu expirou o ar com força, pegou ao calhas num livro e tirou da prateleira o *1984* de Orwell. Não se desfez na sua mão. Também não o mordeu como um gato indignado.

Pegou no romance seguinte, depois em mais dois, até que começou a tirar resmas de livros com ambas as mãos; foi tirando vários de cada vez e empilhou-os ao seu lado.

As pilhas de livros transformaram-se em árvores. Torres. Montanhas mágicas. Olhou para o último livro que tinha na mão: *Tom e o Jardim da Meia-Noite*. Um conto sobre viagens no tempo.

Se acreditasse em presságios, o livro teria sido um sinal.

Monsieur Perdu bateu com os punhos por baixo das prateleiras, para as desencaixar dos suportes. Depois recuou um passo.

Ali. Já começava a aparecer. Por detrás daquela parede de palavras. A porta do quarto, onde...

Então eu não podia comprar simplesmente uma mesa?

Monsieur Perdu passou a mão pela boca. Pois. Limpar a poeira dos livros, voltar a arrumá-los, esquecer a porta. Comprar uma mesa e continuar como nas duas últimas décadas. Dali a vinte anos teria setenta, e a partir daí havia de conseguir, talvez morresse cedo.

Cobarde.

Pegou na maçaneta com a mão a tremer.

Lentamente, o homem alto abriu a porta. Empurrou-a suavemente para dentro, fechou os olhos e...

Apenas o luar e o ar seco. Inspirou pelo nariz, investigou, mas não encontrou nada.

*O cheiro da *** desapareceu.*

Ao longo dos últimos vinte e um anos, tornara-se para ele tão natural contornar com o pensamento *** como evitar uma sarjeta com a tampa aberta.

A maior parte das vezes pensava no nome dela como ***. Como o silêncio no zumbir das suas cadeias de pensamentos, como um espaço em branco nas imagens do passado, como a escuridão no próprio cerne dos sentimentos. Ele era capaz de imaginar todo o tipo de lacunas.

Monsieur Perdu olhou à sua volta. O quarto parecia tão silencioso. E desbotado, apesar do papel de parede de um azul de alfazema. Os anos por detrás da porta fechada tinham espremido toda a cor das paredes.

A luz, vinda do corredor, poucas coisas encontrou capazes de projetarem uma sombra. Uma cadeira *bistrô*. A mesa de cozinha. Um vaso com alfazema roubada, há mais de duas décadas, na planície de Valensole. E um homem com cinquenta anos, que agora se sentava na cadeira, abraçando-se a si próprio.

Ali tinham estado as cortinas. Ali quadros, flores e livros, um gato chamado *Castor*, que dormia em cima do divã. Havia castiçais e murmúrios, copos de vinho e música. Sombras que dançavam na parede, uma delas grande, a outra lindíssima. Tinha havido amor naquele quarto.

E agora apenas resto eu.

Cerrou os punhos e pressionou-os contra o ardor dos olhos.

Monsieur Perdu engoliu em seco, uma e outra vez, tentando combater as lágrimas. Sentia a garganta demasiado apertada para respirar, as costas pareciam-lhe arder de calor e dor.

Quando conseguiu engolir sem dor, *Monsieur* Perdu levantou-se e abriu as portadas da janela. Aromas emanavam do pátio.

As ervas do quintalzinho de Goldenberg. Alecrim, tomilho. Que se misturavam com os óleos de massagem de Che, o podólogo cego e «encantador de pés». Pelo meio, um cheiro a omeletes, que por sua vez se misturava com as refeições africanas grelhadas por Kofi, suculentas e picantes. Por cima de tudo pairava o cheiro de junho em Paris, um aroma composto de tília e expectativa.

Mas *Monsieur* Perdu não permitiu que os cheiros o tocassem. Com todas as suas forças opôs-se ao seu encanto. Ele tinha-se tornado perito em ignorar tudo o que pudesse provocar dentro de si sentimentos nostálgicos. Aromas. Melodias. A beleza das coisas.

Foi buscar água e sabão verde à dispensa ao lado da cozinha e pôs-se a limpar a mesa de madeira.

Defendeu-se da imagem desbotada que o mostrava sentado naquela mesma mesa, não sozinho, mas com ***.

Lavou e esfregou e ignorou a pergunta premente sobre o que se seguiria, agora que tinha aberto o quarto onde ficara enterrado todo o seu amor, todos os seus sonhos e todo o passado.

As memórias são como os lobos. Não os podes trancar num quarto e esperar que te ignorem.

Monsieur Perdu levou a mesa estreita até à porta, ergueu-a e carregou-a, passando pela parede da estante dos livros e pelas montanhas de papel encantadas e pelo vão das escadas, até ao apartamento em frente.

Quando quis bater à porta, ouviu aquele som triste.

Um soluçar sufocado, como que abafado por uma almofada.

Alguém estava a chorar por detrás da porta de entrada verde.

Uma mulher. E chorava como se desejasse que ninguém, mas mesmo ninguém a ouvisse.

— Ela era a mulher daquele, já sabe de quem, daquele *Le P.* Não, ele não sabia. Perdu não lia as páginas da imprensa cor-de-rosa parisiense. *Madame Catherine Le P.* «já sabe quem» voltara ao fim da tarde de uma quinta-feira da agência do marido artista, onde se ocupava das relações públicas. Quando chegou a casa, viu que a chave não entrava na fechadura. Uma mala no vão da escada, com os papéis do divórcio em cima. O marido tinha-se mudado, não se sabia para onde, e levado os móveis antigos e uma nova mulher.

«Catherine-em-breve-ex-mulher-do-idiota-Le P.» não possuía nada, para além da roupa que trouxera quando se casara. E a conclusão de que tinha sido muito ingénuo ao acreditar, primeiro, que o amor outrora sentido lhe asseguraria um tratamento benévolo para além do divórcio e, segundo, ao crer que conhecia o seu marido suficientemente bem para não ser surpreendida.

— Um erro bastante difundido — pregara *Madame Bernard*, a dona da casa, entre duas baforadas do seu cachimbo. — Só começa verdadeiramente a conhecer o teu marido depois de ele te deixar.

Monsieur Perdu ainda não tinha visto a senhora que tão friamente fora expulsa da sua própria vida. Agora escutava o pranto solitário que ela tentava desesperadamente abafar, talvez com as mãos ou com um pano de cozinha. Deveria fazer-se notar e deixá-la constrangida? Decidiu ir buscar primeiro o vaso e a cadeira.

Silenciosamente, moveu-se entre o seu apartamento e o dela. Sabia exatamente como aquela antiga e orgulhosa casa podia ser tão traiçoeira; conhecia as tábuas do soalho, sabia quais as vigas

que rangiam, sabia onde estavam as paredes demasiado finas que tinham sido erguidas posteriormente e onde se ocultavam as caixas de ar que funcionavam como altifalantes.

Quando se debruçava sobre o *puzzle* de dezoito mil peças com a imagem da carta geográfica na sua sala quase vazia, o prédio continuava a telegrafar-lhe a vida dos outros.

Como os Goldenbergs discutiam (ele: Mas não podes...? Porque é que tu és...? Mas eu não...?; ela: Tens sempre que... Nunca fazes... Quero que tu...). Ainda se lembrava deles acabados de casar. Nessa altura costumavam rir juntos. Depois vieram os filhos, e os pais afastaram-se como continentes à deriva.

Ouvia Clara a empurrar a cadeira de rodas elétrica de Violette por cima de cantos de tapete e tábuas de soalho. Ainda se lembrava de ver a pianista dançar alegremente.

Ouvia Che e o jovem Kofi a cozinhar. Che mexia mais com as colheres nas panelas. Sempre fora cego, mas dizia que via o mundo através de vestígios de cheiros e ecos que as pessoas deixavam com os seus sentimentos e pensamentos. Che conseguia sentir se num quarto se amava, vivia ou discutia.

Aos domingos Perdu também escutava as risadinhas femininas da *Madame Bomme* e do seu clube de viúvas, ao folhearem os livros porcocos que ele lhes arranjava à revelia dos seus parentes demasiado rígidos.

O n.º 27 da Rue Montagnard era um oceano de sinais vitais que rebentavam na ilha silenciosa de Perdu.

Há vinte anos que ele escutava. Conhecia tão bem os seus vizinhos que, às vezes, ficava espantado com o pouco que eles sabiam sobre ele (apesar de isso lhe convir). Não faziam a mínima ideia de que praticamente não dispunha de mobília, para além da cama, da cadeira e de um cabide para a roupa que usava; não tinha bibelôs, nem música, nem quadros, nem álbuns de fotografias, nem sofás ou talheres (a não ser para uma pessoa). Nem faziam ideia de que ele próprio optara de sua livre vontade por essa austeridade. Os dois quartos ainda por ele habitados estavam tão vazios que faziam eco quando tossia. A sala de estar apenas tinha o mapa-*puzzle* de dimensões exageradas a ocupar o soalho. O espaço do quarto onde

dormia era partilhado pela cama, pela tábua de engomar, por um candeeiro de leitura e um cabide sobre rodas, de cuja vara pendiam apenas três conjuntos exatamente iguais: calças cinzentas, camisa branca, camisola castanha com decote em V. Na cozinha encontrava-se um fogão, uma lata onde guardava o café e uma estante com alimentos. Alfabeticamente ordenados. Talvez até fosse bom que ninguém visse aquilo.

E, no entanto, ele nutria sentimentos estranhos pelos habitantes do n.º 27. De uma forma inexplicável, sentia-se melhor quando sabia que eles estavam bem. E tentava contribuir para o seu bem-estar, sem dar muito nas vistas. Os livros ajudavam nessa tarefa. De resto, movimentava-se sempre em segundo plano, como na imprimadura de um quadro, à frente se desenrolava a vida.

No entanto, aquele novo inquilino, o Maximilian Jordan, do terceiro andar, não deixava *Monsieur Perdu* em paz. Jordan utilizava tampões para os ouvidos, feitos à medida, por cima destes umas orelheiras, e nos dias frios um gorro de lã. Um jovem escritor que, com a sua primeira obra se tornara famoso da noite para o dia e que, desde então, se encontrava em fuga das hostes de admiradores que, se pudessem, lhe entrariam pela casa adentro. Jordan tinha desenvolvido um estranho interesse por *Monsieur Perdu*.

Quando Perdu, já em frente à porta vizinha, dispunha o vaso e a cadeira em cima e ao lado da mesa, o choro acabou.

Em vez disso, ouviu uma tábua ranger, pisada por alguém que tentava não fazer barulho.

Espreitou pelo vidro fosco da porta verde. Depois bateu à porta duas vezes, muito delicadamente.

Aproximou-se um rosto. Uma oval desfocada e clara.

— Sim? — murmurou a oval.

— Tenho aqui uma cadeira e uma mesa para si.

A oval permaneceu em silêncio.

Tenho de ser suave a falar com ela. Chorou tanto que, provavelmente, está desidratada e pode desintegrar-se se eu falar demasiado alto.

— E um vaso. Para flores. Flores vermelhas, por exemplo, ficariam muito bem em cima da mesa branca.

Pressionou a face contra o vidro.

E murmurou:

— Mas também lhe posso dar um livro.

A luz apagou-se nas escadas.

— Que livro? — sussurrou a oval.

— Um capaz de a reconfortar.

— Mas eu ainda tenho de chorar. Senão afogo-me. Compreende isso?

— Claro. Às vezes nadamos nas lágrimas que ficaram por chorar e depois, se não as soltamos, acabamos por nos afogar nelas. — *E eu encontro-me no fundo desse oceano.* — Então trago-lhe um livro para chorar.

— Quando?

— Amanhã. Promete-me que até lá come e bebe alguma coisa antes de continuar a chorar?

Não sabia porque é que se atrevera a dizer aquilo. Devia ter a ver com a porta que estava entre ambos.

O vidro embaciou-se com a sua respiração.

— Sim — disse ela. — Está bem.

Quando a luz das escadas voltou a acender-se, a oval retraiu-se e recuou.

Perdu passou fugidamente a mão pelo vidro onde ainda há instantes tinha estado o seu rosto.

E se ela precisar de mais alguma coisa, uma cómoda, um descascador de batatas, compro-lhe e digo que é meu.

Voltou para o seu apartamento vazio e trancou a porta. A porta do quarto por detrás da estante ainda se encontrava aberta. Quanto mais *Monsieur* Perdu olhava lá para dentro, mais lhe parecia que o verão de 1992 se lhe impunha, como que crescendo do chão. O gato com as suas patas de veludo calçadas de branco saltava do divã e espreguiçava-se. O sol iluminava umas costas nuas que se voltavam, transformando-se em ***. Ela sorriu para *Monsieur* Perdu, levantou-se, depois de ter estado a ler e começou a andar na sua direção, nua com o livro na mão.

— Finalmente estás pronto? — perguntou ***.

Monsieur Perdu bateu com a porta.

Não.

— Não — voltou a dizer *Monsieur Perdu*, na manhã seguinte.
— Este livro, prefiro não lho vender.

Cuidadosamente, tirou *A Noite* das mãos da cliente. De todos os romances do seu barco-livraria, chamado Farmácia Literária, ela tivera logo que escolher o malfadado *bestseller* de Maximilian, aliás Max Jordan. O dono das orelheiras do terceiro andar da Rue Montagnard.

A cliente olhava agora para o livreiro com um ar perplexo.

— Mas porquê?

— Max Jordan não combina consigo.

— Max Jordan não combina comigo?

— Exato. Não faz o seu género.

— O meu género. Ha-ha! Peço desculpa, mas permita-me que lhe diga que vim ao seu barco-livraria à procura de um livro. E não de um marido, *mon cher Monsieur*.

— Com todo o respeito: o que a senhora lê é, a longo prazo, mais decisivo do que o homem com quem casa, *ma chère Madame*.

Ela olhou para ele com os olhos semicerrados.

— Dê-me o livro, guarde o dinheiro e podemos os dois fingir que está um belo dia.

— *Mas hoje está* um belo dia, amanhã provavelmente começa o verão, mas, este livro, não o vai levar. Não serei eu a vender-lho. Posso sugerir-lhe alguns outros?

— Ah? Para me convencer a levar um clássico velhíssimo, porque não tem paciência para o atirar pela borda fora, pois pode envenenar os peixes? — Tinha começado num tom baixo, que foi sempre aumentando.

— Livros não são ovos. Só porque um livro já tem uns quantos anos não significa que fica fora do prazo de validade. — O tom de *Monsieur Perdu* também se tornou mais cortante. — E além disso, o que é que significa velho? A idade não é uma doença. Todos envelhecemos, também os livros. Mas será que *a senhora*, seja *quem* for, tem menos valor, menos *importância*, só porque já está há algum tempo neste mundo?

— É ridículo como está a distorcer as coisas só porque acha que não mereço essa porcaria de *A Noite*.

A cliente — ou melhor: a não-cliente — atirou o porta-moedas para dentro da mala cara, correu o fecho-éclair, mas este encravou.

Perdu sentiu algo crescer dentro de si. Um sentimento selvagem, de fúria, tensão — só que, claro, nada tinha nada a ver com aquela mulher. Mesmo assim não conseguiu manter a boca fechada. Foi atrás dela, enquanto ela percorria o interior do barco com uma passada pesada e furiosa e gritou por entre estantes na luz de crepúsculo:

— A escolha é sua *Madame!* Pode ir-se embora e cuspir-me em cima. Ou então pode, a partir deste preciso momento, evitar mil horas de futuro sofrimento.

— Muito agradecida, acho que já tomei a minha decisão.

— Ao entregar-se à proteção dos livros, em vez de se perder nas relações com homens, que de uma maneira ou outra a subestimam, ou nas loucuras das dietas estúpidas, porque para um homem não é suficientemente magra e para outro não é suficientemente inteligente.

Ela estacou em frente das grandes janelas que davam para o Sena e olhou para Perdu com um olhar faiscante.

— Como é que se atreve!

— Os livros protegem-na da estupidez. De falsas esperanças. De homens falsos. Revestem-na de amor, força e sabedoria. É vida por dentro. Agora escolha. Livro ou...

Antes que pudesse terminar a frase, passou por eles um vapor turístico. Junto à balaustrada, um grupo de chineses por baixo de guarda-chuvas. Começaram a fotografar intensamente quando viram a famosa farmácia literária flutuante de Paris. O navio a vapor lançou dunas de água esverdeadas contra a margem, o barco-livraria oscilou.

A cliente cambaleou em cima dos seus chiques saltos altos. Mas em vez de lhe estender a mão, Perdu estendeu-lhe *A Elegância do Ouriço*.

Por reflexo, ela deitou a mão ao livro e agarrou-se a ele.

Perdu não o largou, enquanto, já num tom tranquilizador e não muito alto, falava para a desconhecida.

— Precisa de um quarto só para si. Não demasiado luminoso, com uma gatinha nova para lhe fazer companhia. E este livro, que fará o favor de ler com calma. Para que possa descansar entre a leitura. Vai refletir muito e provavelmente também vai chorar. Por si. Pelos anos. Mas depois vai sentir-se melhor. Vai perceber que não tem de morrer agora, mesmo que sinta isso, depois de o tipo não ter sido decente. E vai voltar a gostar de si própria e deixar de se sentir feia e ingénua.

Só depois de dar aquelas instruções é que largou o livro.

A cliente fitou-o. O susto estampado no seu olhar indicou-lhe que tinha acertado. Com bastante precisão.

Ela deixou então cair o livro.

— Você está completamente louco — sussurrou, rodopiou sobre os saltos e saiu disparada, atravessando o interior do barco até ao cais.

Monsieur Perdu pegou no *Ouriço*. Com a queda, a capa do livro tinha ficado amolgada. Pronto, lá teria ele que deixar o romance de Muriel Barbery por um ou dois euros, com um dos *bouquinistes*, os vendedores ambulantes com as suas caixas de livros usados.

Seguiu a cliente com o olhar. Viu como abria caminho por entre os transeuntes. Como os seus ombros estremeciam sob o fato vestido.

Chorava. Chorava como alguém que sabia que, naturalmente, não iria soçobrar com este pequeno drama. Mas que ficara profundamente magoada pela injustiça, por isto lhe estar a acontecer logo agora. Como se não a tivessem já ferido, brutal e profundamente. Como se isso não bastasse, ainda tinha de aparecer um livreiro cruel?

Monsieur Perdu calculou que ele, o estúpido tigre do papel na sua estúpida farmácia literária, ocuparia sensivelmente o décimo segundo posto na sua lista pessoal de idiotas de um a dez.

Deu-lhe razão. O seu desaforo, a sua obstinação insensível tinham de estar ligados à última noite e ao quarto. Normalmente, era mais paciente.

Em princípio, não havia desejo, insulto ou peculiaridade dos seus clientes capaz de o abalar. Classificava-os em três categorias. Os primeiros eram aqueles para os quais os livros eram o único ar respirável de um quotidiano sufocante. Os seus clientes preferidos. Eles confiavam nele quando lhes dizia o que precisavam. Ou então confiavam-lhe as suas fragilidades, como «por favor, não me venha com romances em que apareçam montanhas, ou viagens de teleférico, ou vistas panorâmicas — porque tenho medo das alturas». Outros cantarolavam-lhe músicas para crianças, ou melhor, murmuravam — mmhm, mmh, dadada — conhece esta, ou não? — esperançosos de que o grande livreiro se lembrasse por eles de que havia um livro em que as melodias da sua juventude desempenhavam um papel. De facto, na maior parte das vezes ele até sabia. Tinha havido um tempo em que ele cantara muito. A segunda categoria de clientes visitava apenas o seu *Lulu*, o barco-livraria, atracado no porto dos Champs-Élysées, porque eram atraídos pelo nome da livraria ali instalada: *La Pharmacie Littéraire* — A Farmácia Literária.

Para comprar postais originais («Ler ameaça os preconceitos» ou então «Quem lê, não mente, pelo menos ao mesmo tempo»), adquirir alguns livros-miniatura dentro de garrafinhas castanhas para medicamentos ou para tirar fotografias.

Mas essas pessoas eram quase encantadoras quando comparadas com a terceira categoria, os que se tomavam por reis, embora, infelizmente, não se comportassem assim. Interrogavam Perdu com um ar acusador, sem um *bonjour*, sem sequer olharem para ele, enquanto tateavam todos os livros com dedos gordurosos com os quais tinham acabado de comer *pommes frites*: «Não tem pensos com poemas? Não tem papel higiénico com séries policiais? Porque é que não tem almofadas de viagem insufláveis, faria todo o sentido numa farmácia literária.»

A mãe de Perdu, Lirabelle Bernier, uma Perdu divorciada, incentivara-o a vender óleos de massagem e meias elásticas para a trombose. Segundo ela, as mulheres, a partir de uma certa idade, ficavam com as pernas pesadas de estarem sempre sentadas em poltronas a ler.

Havia dias em que as meias faziam mais dinheiro do que a literatura.

Perdu suspirou.

Por que razão quisera aquela cliente, emocionalmente tão fragilizada, ler tanto *A Noite*?

Bom, também não lhe teria feito mal.

Pelo menos não demasiado.

O jornal *Le Monde* tinha considerado o romance de Max Jordan como «a nova voz da juventude revoltada». As revistas cor-de-rosa devoraram «o rapaz com o coração faminto» e imprimiram fotografias do escritor em grande formato, muito maiores do que a própria capa do livro. Max Jordan tinha sempre um ar algo perplexo nessas fotografias.

E ferido, pensou Perdu.

O primeiro romance de Jordan estava cheio de homens que, por ódio e medo de se perderem a si próprios, encaravam o amor unicamente com ódio e uma indiferença cínica. Um crítico festejou *A Noite* como «O manifesto da nova masculinidade».

Já Perdu não o tinha em tanta consideração. Era um inventário desesperado da vida interior de um jovem que ama pela primeira vez. E que não entende a razão pela qual não consegue controlar o início do seu amor, nem como é possível que este sentimento desapareça sem que ele possa interferir. Como o perturba o facto de não poder decidir quem ama, por quem é amado, onde tudo começa e acaba e todas as coisas horrivelmente imprevisíveis que surgem pelo meio.

O amor, a temida entidade ditadora para os homens. Não admira que o homem, como tal, respondesse a esta tirania com fuga. Milhões de mulheres liam o livro para perceberem porque é que os homens eram cruéis com elas. Porque é que trocavam as fechaduras, acabavam a relação por SMS, iam para a cama com a melhor amiga. Tudo só para torcer o nariz ao ditador: vês, a mim não me apanhas, tu não, a mim não.

Mas serviria aquilo mesmo de consolo para as mulheres?

A Noite tinha sido traduzida para vinte e nove línguas. Até na Bélgica o livro era vendido, como constatara a *concierge* Rosalette, e no que tocava aos belgas, enfim, um francês de gema tinha de ter os seus saudáveis preconceitos.

Há sete semanas que Max Jordan se mudara para o n.º 27 da Rue Montagnard. Em frente aos Goldbergs, no terceiro andar. Ainda nenhuma das fãs, que o perseguiam com cartas de amor, chamadas e confissões existenciais, o descobrira. Estes até trocavam palpites *online*, num fórum-wiki dedicado a *A Noite*. Sobre as suas ex-namoradas (desconhecidas, a grande questão: Jordan ainda era virgem?), *hobbies* excêntricos (uso de orelheiras) e possíveis moradas (Paris, Antibes, Londres).

Já muitas vezes vira viciados em *A Noite* na Farmácia Literária. Utilizavam orelheiras e imploraram, de joelhos, a *Monsieur Perdu* que organizasse uma leitura com o seu ídolo. Quando *Monsieur Perdu* sugerira isso mesmo ao seu novo vizinho, o jovem de vinte e um anos empalidecera. Medo de pisar o palco, calculou Perdu.

Para ele, Jordan era um jovem em fuga. Uma criança elevada a estrela literária sem que o desejasse. E de certeza, para muitos, um traidor das batalhas interiores masculinas. Até existiam fóruns na Internet dedicados a odiá-lo, nos quais autores anónimos desmontavam o seu romance, gozavam com ele e sugeriam ao escritor que seguisse o exemplo do seu protagonista quando este descobre que nunca seria capaz de controlar o amor: Atira-se de uma falésia da Córsega para o mar.

O fascinante em *A Noite* era, também para o seu escritor, o aspeto mais perigoso: ele escrevia sobre a vida interior dos homens com uma honestidade sem precedentes. Espezinhava todos os ideais e imagens masculinas representados na literatura. As do «durão», do «homem emocionalmente pobre», do «velhote despassarado», ou do «lobo solitário». — Os homens são só pessoas — surgira no título esclarecedor de uma revista feminista acerca da primeira obra de Jordan.

O que Jordan ousara fazer impressionara Perdu. Por outro lado, o romance parecia-lhe um gaspacho que transbordava do prato em que tinha sido servido. E o seu criador apresentava a mesma consistência emocional líquida, não dispondo de qualquer mecanismo psíquico de defesa, era o seu oposto.

Perdu perguntava-se como seria a sensação, sentir tão intensamente e ainda assim sobreviver.